



Tiragem: 45304

País: Portugal
Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 16
Cores: Cor

Área: 27,28 x 31,26 cm²

Corte: 1 de 5



INOVAÇÃO SOCIAL

Sem Estado não pode haver inovação social

Alterações demográficas, educação de adultos, crises energéticas e sustentabilidade da Segurança Social exigem novas respostas sociais, mas não de "subsistência"



uitas organizações sociais tomadas hoje como certas, dos jardins-deinfância aos sindicatos, dos sistemas públicos de ensino aos movimentos ecologistas, são produtos de profundas transformações dos últimos dois séculos e, à data da sua concepção, exemplos de inovação social.

Com estes e outros exemplos noutros domínios (saúde, combate ao desperdício, envelhecimento activo, cultura e requalificação do emprego), a sociedade vai encontrando respostas de integração e coesão social. Mas nem sempre é consensual a ideia de que transforma para melhor e a quem cabe esse papel.

Em épocas de crise, em que há menos e piores respostas públicas às novas realidades e necessidades da sociedade, a inovação social é frequentemente associada ao sector da

economia social. "Não é exclusiva de nenhuma área e tanto acontece nas organizações da economia social, no sector público e nas empresas privadas", defende Américo Carvalho Mendes, docente da Faculdade de Economia da Universidade Católica do Porto. É quando consegue articular e atravessar todos os sectores que é realmente transformadora, pois "para haver verdadeira mudança, esta tem de ser transversal". Ainda assim, o docente reconhece que "boa parte da inovação social acontece com o aparecimento das organizações da economia social", que "são espaços privilegiados" para esta realidade.

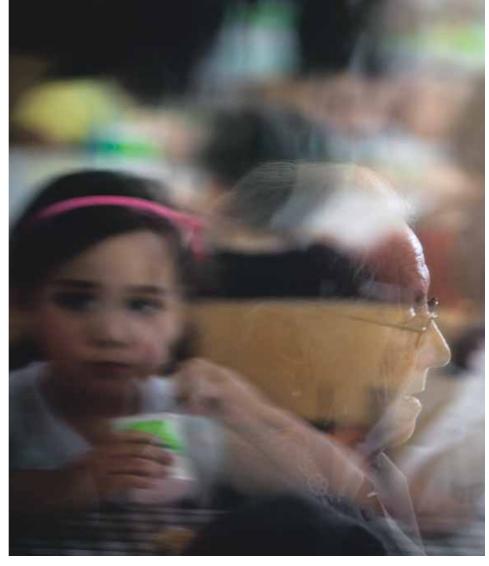
Hoje, num contexto de crise económica, numa Europa onde existe um ambiente tendencialmente liberalizador, o discurso sobre inovação social surge não só encostado ao terceiro sector (economia social) como alinhado com a apologia da iniciativa privada e de uma sociedade civil mais activa e criativa. A mensagem parece clara: se houver menos Estado, há mais espaço para o empreendedorismo e para inovar, em termos sociais também.

Para José Vieira da Silva, economista e deputado do PS, estes são "argumentos políticos de um discurso de centro-direita que usa conceitos como inovação e economia social como álibi para retirar o Estado da economia". A fragilidade das respos-tas públicas "até pode fazer com que a sociedade civil se organize e crie associações com respostas inovadoras, mas a verdade é que mesmo estas são financiadas pelas autarquias, pelo que há sempre o casamento entre Estado e terceiro sector". É esta "lógica de parceria múltipla", onde também podem entrar as empresas privadas, "que é desejável, porque é a forma mais reprodutiva de utilizar recursos", defende o ex-ministro.

"Que a sociedade civil seja mais proactiva, não é mau. Não pode é ser argumento para o Estado se retirar", defende Ana Luísa Martinho. A investigadora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto lembra que, em épocas de crise, o terceiro sector é sempre chamado a intervir, porém, ao colocar-se toda a ênfase no empreendedorismo social, "diz-se que estamos satisfeitos com menos Estado", quando na realidade é necessário "melhor articulação e mais parcerias".

A redução do papel do Estado tem de ser discutida "em função de situações específicas e não com argumentos simplistas", sublinha Américo Carvalho Mendes. No incentivo à inovação social "há Estado a menos" e as políticas "estão mal trabalhadas". A começar pelo financiamento, "porque os processos de inovação social envolvem muito risco e incerteza e não geram logo recursos de autofinanciamento". Numa fase seguinte, o Estado pode "ajudar o projecto a ganhar escala, através da legislação e das políticas de contratação pública, surgindo como comprador desses bens e serviços".

o Estado, que deve ter "um papel supletivo e fazer bem aquilo que a sociedade não consegue", pode dar um apoio selectivo a projectos, privilegiando as respostas mais inovadoras. Na maioria das vezes, há uma tendência para "gerir as situações por nivelamento", não se atenden-do às necessidades específicas de cada comunidade, indivíduo, ou família e mal gastando recursos. Lembra por isso a maior distribuição e proximidade das instituições locais, que podem evitar uma "repartição cega das respostas sociais", e defende os apoios directos às pessoas e não às organizações, para que estas entrem numa lógica de competição, melhorando a qualidade dos serviços que prestam. O ex-governante define como "áreas-chave do processo de inovação social" as alterações demográficas, a solidão, a pobreza etária, a educação de adultos, a renovação urbana, os serviços de desenvolvimento local,



CISION

ID: 49983558



Tiragem: 45304

Period.: Diária

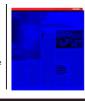
País: Portugal

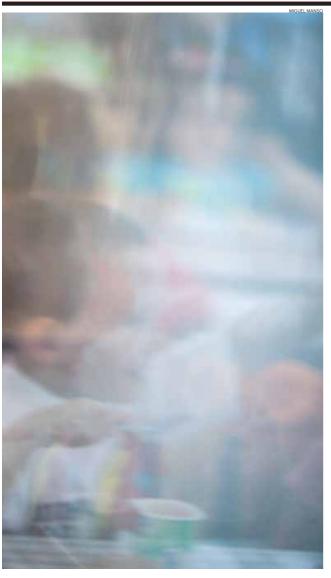
Âmbito: Informação Geral

Pág: 17 Cores: Cor

Área: 27,48 x 31,75 cm²

Corte: 2 de 5





A alteração demográfica que se verifica em Portugal coloca problemas que precisam de respostas novas

Empreendedorismo social: é hora de aprender a trabalhar em rede

Ana Brito

alar em inovação social é falar também em empreendedorismo social. Se entendermos a inovação social como o processo de mudança, o empreendedorismo pode ser visto como a ferramenta que a torna possível - a mudança acontece graças à acção de várias iniciativas de empreendedorismo social. Mas um empreendedor social não pode ser confundido com um empreendedor comum. A missão nunca é a mesma. "O empreendedor típico quer gerar lucro e apropriar-se desse resultado, mas o empreendedor social procura criar valor social e económico, para o reinvestir na sua actividade e gerar mais valor social, mas para isso também tem de procurar a sustentabilidade do modelo de negócio", explica Rita Megre, directora de formação e acompanhamento do Instituto de Empreendedorismo Social (IES).

O IES tem em curso o mapeamento dos projectos de empreendedorismo social em Portugal, o MIES, o primeiro do género no país, que inclui projectos que já estão assumidos como negócios sociais e outros que têm elevado potencial social. É que muitas vezes os empreendedores sociais não sabem que o são, ou que podem vir a sê-lo, refere. "Há pessoas que não sabiam que o seu era um negócio social, outras que pensavam que tinham de ter um emprego e fazer voluntariado nos tempos livres e que descobrem que afinal podem fazer disto a sua vida, ou mesmo organizações sociais que começam a reinventar-se e a adquirir um perfil empreendedor", explica. O certo é que "os números estão a crescer" e a expectativa do IES é que, até final de 2014, sejam identificadas cerca de 250 iniciativas de elevado potencial social.

Rita Megre acredita que o caminho passa por "criar um ecossistema de empreendedorismo social", em que exista uma rede cada vez maior de contactos, de partilha de conhecimento e informação, que promova o encontro entre empreendedores e potenciais investidores e que seja transversal a várias áreas de actua-



O voluntariado nos tempos livres pode levar a uma nova ocupação

ção. É que na maioria das vezes o que é mesmo difícil no empreendedorismo social é "juntar os pequeninos com os grandes", ou seja, pôr em contacto quem tem as ideias, com quem tem a capacidade de assessorar tecnicamente, de financiar e dar escala aos projectos, sublinha a socióloga Helena Gata, directora da área nacional da ONG TESE - Associação para o Desenvolvimento Social, que desenvolveu o primeiro estudo sobre as necessidades sociais em Portugal. Ainda há muito traba-

Os negócios sociais procuram a sustentabilidade que lhes permita continuar a produzir impacto social

lho de sensibilização a fazer nesta área", porque em inovação social "o *small is beautiful* não funciona", diz a socióloga, notando que o Estado é um parceiro com capacidade para "enraizar e dar dimensão aos projectos".

"De há dois anos para cá, o terceiro sector tem estado a organizar-se e a mudar." Muitas instituições, mais dependentes do Estado, fecharam, e outras repensaram os seus modelos de negócio, "pois estão mais conscientes de que é preciso passar de um paradigma assistencialista para um paradigma mais sustentável", percebem que "têm de ser mais criaviavas, desenvolvendo serviços alternativos que gerem receita adicional e permitam maior autonomia".

Ana Luísa Martinho, investigadora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e uma das fundadoras da A3S - Associação para o Empreendedorismo Social e a Sustentabilidade do Terceiro Sector, destaca ainda que se nota "uma articulação muito grande de organizações de diferentes áreas" e uma nova forma de abordar as problemáticas: "Passase de uma gestão mais imediatista para uma gestão mais estratégica. Trabalham em rede, integrados em entidades mais amplas, como redes nacionais ou internacionais, e essa cooperação é crescente."

Nessa lógica, surgiu a ESLÍDER, uma rede de líderes de organizações do terceiro sector (integrada numa rede europeia) destinada a partilhar conhecimento e a criar um manual de governança para as instituições da economia social. "Queremos reunir as melhores práticas para ajudar estas organizações a serem mais profissionais, a aproveitarem os seus recursos da melhor maneira e a estarem prontas para inovar", explicou Carlos Azevedo, directorgeral da União Distrital das IPSS do Porto e presidente da rede.

a infoexclusão, o auxílio aos jovens em idade escolar e a solidariedade inter-étnica, entre outras. "Tentar a melhor combinação possível entre recursos monetários e não monetários - como tempo, solidariedade e qualificações - deve ser a regra fundamental da economia social, sob pena de não ser sustentável", sublinha Bagão Félix.

Manuel Carvalho da Silva, ex-secretário-geral da CGTP e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, critica uma abordagem da inovação social que se restringe à procura de respostas para questões sociais novas quando na realidade se vive uma "harmonização social no retrocesso" e se transporta o conceito de inovação social "para noções de subsistência".

"O que está a acontecer com a destruição do Estado social é que se despojam as pessoas dos seus direitos de cidadania", defende o sociólogo. Num quadro em que os indivíduos são colocados em situações de "carência extrema", a inovação não pode ser senão uma "inovação regressiva, construída a partir de bases sociais de desigualdade, injustiça e exclusão". Quando se permite que a sociedade "propositadamente empobreça e depois se arrania maneira de colmatar essas carências com instituições que fingem actuar sob a capa da inovação social", estão-se a matar as verdadeiras condições para inovar, porque "a inovação social que é precisa é a inerente à cidadania social, é a das pessoas portadoras de direitos e responsabilidades". O que é necessário é a inovação que enfrente os grandes bloqueios do mundo - como as crises energéticas e ambientais, o comércio internacional, as rupturas intergeracionais, as alterações demográficas ou a sustentabilidade da Segurança Social, entre outros - e não que venha para "servir políticas de austeridade", reprova o ex-





Tiragem: 45304 País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 18 Cores: Cor

Área: 27,70 x 31,17 cm²

Corte: 3 de 5



Na Casa dos Sabores cozinha-se o futuro de jovens mães

É uma instituição com história, mas em permanente reinvenção para que o negócio continue a criar valor e a fazer a diferença na vida de mães adolescentes e seus filhos

Reportagem **Ana Brito**

Os croquetes de carne são deliciosos (comprovação empírica), mas aqui "tudo tem muita saída; é o bacalhau com farinheira, o pato com laranja, a batata palha, o bacalhau à Brás, o peru no Natal... É tudo bom!". Jesus, a chefe de cozinha da Casa dos Sabores (CS), não tem mãos a medir. Passa pouco das 11h da manhã e aqui já se trabalha desde as 8h para entregar as encomendas do almoço. "A minha filha diz que a minha profissão é muito stressante!", brinca a cozinheira.

Jesus já leva 38 anos de Casa de Santo António (CSA), a IPSS que criou a CS. Entrou quando a primeira filha nasceu, tinha então 19 anos, e só pensa sair "para a reforma". Aqui aprendeu as lides da cozinha e aqui partilha os ensinamentos culinários e os ensinamentos da vida com as jovens utentes da casa que são chamadas a ajudar na cozinha. Mas Jesus não está sozinha, as restantes funcionárias são, na sua maioria, exutentes que acabaram ligadas profissionalmente à instituição.

Mafalda Simões Coelho, directora da IPSS que acolhe e apoia jovens mães adolescentes, conta que tudo comecou por acaso, pouco depois de a CAS abrir portas, na década de 1930, quando se realizavam lanches para agradecer às senhoras que apoiavam a Casa. Na época havia um grupo de

voluntárias que ensinavam as utentes a fazerem doces, e reza a história que uma delas, "muito descaradamente, abriu a janela da cozinha e perguntou 'quem quer comprar um pacote de bolachinhas?'. Uma das senhoras achou graça e aquilo foi-se espalhando", conta a directora. Estava criado um negócio. À pastelaria somaramse as refeições e as encomendas foram crescendo. "Há coisa de 30 anos, construíram-nos um pavilhão maior para a cozinha". mas essa estrutura precisava de obras de modernização para que a CS conseguisse ter maior capacidade de crescimento e "cumprir os normativos actuais". Por isso, há cerca de três anos a instituição desenvolveu o projecto e procurou uma fonte de financiamento inovadora: a Bolsa de Valores Sociais (BVS), em que foi admitida com uma cotação de 165 mil euros. Conseguido o capital, a cozinha da CS converteu-se numa verdadeira cozinha industrial, de onde saem diariamente refeições para particulares, mas também serviços de catering para eventos de empresas como o Barclays, a EDP ou a José de Mello Saúde, de almoços para a administração, a coffebreaks, festas ou cocktails. Além disso, a CS passou a estar dotada de uma loja física e online e serviços de entrega ao domicílio. "As encomendas não param de crescer, apesar da crise", garante Mafalda Simões

"Quando, há dez anos, disse que precisava de uma











29-09-2013

Tiragem: 45304

País: Portugal Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 19

Cores: Cor

Área: 11,48 x 30,68 cm²

Corte: 4 de 5



Na CSA, as adolescentes aprendem a ser mães, estudam, colaboram nas actividades da casa e preparamse para uma vida



pessoa que fizesse trabalho de angariação, a reacção foi, 'Mafalda, nós quase não temos dinheiro para pagar as assistentes sociais, quanto mais', mas eu insisti porque sabia que ia ser uma mais-valia". E assim foi. A procura de fontes alternativas de financiamento é também o reflexo de uma instituição que procura ser proactiva e, cada vez mais, trabalhar em parceria com outras organizações. "No outro dia precisava de leite em pó e fiz telefonemas e alguém me ajudou, mas mesmo quando pensamos em feiras ou eventos, compensa sempre trabalhar em parceria, porque uns podem ser mais criativos e os outros terem mais mão-de-obra. Se houver entreajuda, o resultado final é sempre melhor", afirma.

Tal como a cozinha, também a creche, que recebe as 16 crianças da casa e meninos de fora, foi reconvertida. Mas isso

não chega. A próxima meta é aproveitar uma sala que antes era um berçário para fazer uma "sala de semiautonomia", explica Mafalda Simões Coelho. "Apesar de elas andarem lá fora e estudarem lá fora, o mundo entre trabalho, casa e filhos é-lhes desconhecido, e eu gostava que, antes de saírem, passassem por ali, para saberem gerir o seu dinheiro, para saberem gerir uma casa." A receita da cozinha não chega para isso. "Não sei onde vou buscar financiamento, só tenho uma certeza, a de que vou ter de arranjar. E a ideia há-de surgir", remata.

Patrocínio: BIS-Banco de Inovação Social Os artigos sobre inovação social foram feitos segundo os critérios editoriais do PÚBLICO. O seu conteúdo é da inteira responsabilidade do jornal.





Tiragem: 45304 País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 56 Cores: Cor

Área: 5,53 x 4,05 cm²

Corte: 5 de 5



Sem Estado não pode haver inovação social

As alterações demográficas procuram respostas sociais inovadoras p16/19